

Ó meu Rio de Janeiro, quanto mais o tempo passa, mais ficas cheio de graça, mais heróico e mais leal. Sofisticado e brejeiro, carinhoso e hospitaleiro, Rio... tu não tens plural!...

Das cidades, soberana, minha terra carioca, em todos sempre provoca profunda admiração. Ó Guanabara, querida, cidade da minha vida, terra do meu coração!

Albertina Moreira Pedro, Tributo ao Rio de Janeiro, Introdução: de Rio que Não Tem Plural, 1986

Nubes de albatros. Espuma de las olas cuando se ausentan.

Rómulo Cartagénova: □3

As cores de minha cidade nem sempre são firmes. Às vezes elas se misturam devido ao clima que do povo emana. Já as cores de minha vida nem sempre são esmaecidas – às vezes elas até cantilam: é quando minh' alma à outra se irmana.

Leonardo Cezário dos Santos, Cores: de Sinfonias – Poemas, 1998

Tenho a impressão de que vai ocorrer uma grande explosão.

Fico aqui, pensando no que pensar, com um tambor, que não pára de bater, uma dor, que não vai passar e meu amor, que insiste em não se perder.

É uma explosão cerebral, uma confusão hormonal, um desequilíbrio mental, uma aflição existencial, uma inspiração acidental, uma tentação anormal, e uma bomba, um amor irreal que se explodir: babau!!!

Eliane Di Santi, Explosão: de Sedução Envolvente, 1991

Cômodas escondem segredos em gavetas surdo-mudas, cuja fala está na carta com mau cheiro de barata; palavras entrecortadas pela picada das traças que nela abrem janelas e a tornam intraduzível se anunciam desgraças suas páginas amarelas. Um amor às escondidas, um romance mal sonhado, mulher rica, rapaz pobre ou apaixonado por um cunhado, ou notícia de viagem de quem já tem viajado. Traição na casa nobre, feto apertado na cinta ou riqueza mal ganhada – carta azul você não minta – ou fuga de moça pobre com um rapaz boa pinta. Se essa gaveta se abre outros segredos revela muita gente vai corar enquanto a carta amarela.

Celso da Silveira, Cômodas Escondem Segredos (Seleção Severino Campêlo): em O Trovador, 07.98

Sê qual a velha calçada que, feita com pedra nobre, não distingue, ao ser pisada, o mais rico do mais pobre.

Nádia S. Huguenin: em Quatro Versos, 05.98

Bag to bag a esteira leva e traz o viajante o viajante vai e vem *check-in check-in bag to bag* inquieto passo esperto vai e vem.

Back to back defeito o viajante não vem dá notícias de seus frutos não leva e traz dá um jeito *back to back* não vem.

Drawback engano é *draw-back* presilha de suspensório parte vem mais parte vai o viajante vai e vem de beca nova reforma parte da beca que vem

bag to back o viajante não veio ficou parado no meio *bag to bag* na mão *check-in-check-in-check-out* por um erro de palavra o viajante que andava foi fazer a vernissage numa outra exposição *back to back* essa não!

Jacob Ohana, Aeroporto: □1

Quando ele chegar, abro a porta, sôfrega pela espera, as mãos tremendo sobre o ferrolho, suadas, escorrendo rosa líquida.

Quando ele chegar, solto os cabelos que vão desabar num mar de almiscar, de tomilho, de pólen perfumado.

Quando ele chegar, danço, toco um alaúde azul, despejo mandrágora no chá que o fará dormir no meu colo de açucena.

Quando ele chegar, prendo seus pés e me arrasto como um feto até virar uma pomba, perfeita e miúda, estrela cálida.

Quando ele chegar, o meu cervozinho, aquele que vem correndo para mim, mostro o que faz uma mulher, num jardim de jasmim, na noite de núpcias.

Raquel Naveira, Noite de Núpcias: de Fonte Luminosa, 1990

Kit de moradia, quarto e sala, que nos adota em sua pequenez quando congestionados questionamos de quem seria o ar que nos refrez.

Aéreo-lar, auréola, lar aéreo, flutuação fisiforme – um asteroide – próximo à lua a levantar gravita a nossa gravidade de pensar.

Pior é escrever num quarto e sala, não se pode compor um verso alexandrino, que ultrapassa o final dos dez ladrilhos, fica espremido em redondilha curta, concreto como a viga que o sustenta.

Jacob Ohana, Espaço Zero: □1

En el lecho sola pulcra y bella la esposa.

Perfumados los linos, abiertos los nardos en la penumbra. El esposo llama a la casa de al lado.

Alfonsina Storni, Madrugada: de Poesias Completas, Sela/Editorial Galerna, 1990

A paineira que era rosa de flocos brancos se encheu, tal qual meus cabelos negros que a idade encaneceu.

Lair Coimbra Massei, Cabelos Brancos: □2

Seis mil metros de poesia, de paisagem graciosa, de luas feitas de prata, de poentes cor de rosa.

Albertina Moreira Pedro, Copacabana: de Rio que Não Tem Plural, 1986

Com teu chão de pedras, teus lampiões sem gás, o chafariz sem água, o ciclar das cigarras, o canto dos pássaros nas árvores seculares, o murmurar do rio Carioca, alegre e poético, tu me encantaste como um velho bruxo, Largo do Boticário romântico e bucólico, doce cenário do Rio antigo.

Albertina Moreira Pedro, Largo do Boticário: de Rio que Não Tem Plural, 1986

Cinco oceanos de tinta não diriam, irmãos meus, em obra, assim, tão sucinta, toda a grandeza de Deus!

Aloisio Bezerra

É pobre sim, pobre, a mais pobre das províncias. Mas, sinta esta brisa!

Kobayashi Issa (1763/1827)

Sempre exemplifique em atos quando a outros ensinar, pois só contemplando os fatos muitos vão nos imitar.

Hilda Koller: de Luas de Outono – Prosa e Poesia, 1998

É preciso que lembremos pensemos estando a sós: O que aos outros nós fazemos estamos fazendo a nós.

Hilda Koller: de Luas de Outono – Prosa e Poesia, 1998

Moscas e mais moscas. Indolências do verão, o papel em branco.

Lia Miersch: □3

É noite de lua. Um horizonte de lobos a cantar histórias.

Susana de Luna: □3

Líquida noite, dulce tamborileo sobre los sueños.

Liria Miyakawa: □3

Os charcos roubando suas fatias de lua. A chuva cessou.

Mónica Viviana Asorey: □3

Cesó la lluvia y no llevó el perfume de los jazmines.

Maria Haydée Aguilar: □3

Estoy saliendo. Disfruten de la casa gatós ociosos.

Maria Celia C. de Casanova:

O champanha e o mel bebem-se de duas taças. Mulher desnudada.

Manuel Asorey: □3

Haverá uma solução para a promissória não para o coágulo inesperado.

Os sete pecados capitais equilibram o homem na corda que o enforcará.

Da vida, da poesia, dos amigos, quanto mais sei menos entendo.

Fernando Ferreira de Loanda, Confissão: de Kuala Lumpur, 1991

Vestido azul, cerúleo, vaporoso, seios armando celestial adejo, perdidos tempos num olhar choroso, rosto vermelho num sinal de pejo.

E eu sonhei ser o seu feliz esposo na transparência que me dava o ensejo de caminhar a perseguir o gozo para fonte do amor e do desejo.

Fui tão feliz naquele breve instante que pude ver a minha própria aurora no amanhecer do teu azul colante.

Fui tão feliz então – percebo agora – que nem senti o efeito causticante dos gestos teus a me mandar embora.

Alaôr Eduardo Seisínio, Instantes Felizes: de D'Amor, 1991

Vou fazer um soneto pra meu neto, ele é espeto, mas, também esperto, não é bolinho nem perniaberto... – inteligente, mas, analfabeto.

Chega e só neto pra cá por completo e pra lá tem só neto por decerto, e fica todo mundo boquiaberto fazendo cada qual o seu projeto.

Com um sorriso olhando o neto espeto – um bom artista mestre no concerto –, não titubeio e digo com acerto: isso é verdade e por ele prometo que tudo tem um jeito de concerto, vivo por ele e faço este soneto.

Durval Otero, Só Neto (em 09.10.97): □2

Sibipiruna amarela florida, quanta beleza tu dás a esta vida, sempre enfeitando os olhos da gente. O vento forte embala teus galhos e vão caindo gotinhas de orvalho, refrescando a passarada contente!

Maravilhoso é o balé das tuas flores, que se abraçando, falando de amores vão despencando e caindo no chão. Lindo tapete formou na calçada e muita gente andando apressada, passa por cima e nem presta atenção.

Sibipiruna, perdoa esse povo que amanhã, passará aqui de novo e pisará teu tapete no chão. A vida é assim e essa flor amarela continuará, tão feliz e tão bela a embalar este meu coração!...

Maria Thereza Ramos Marcondes, À Sibipiruna que Abriga os Pássaros (Em gratidão ao neurocirurgião Dr. José Paulo Montemore): □2

Te insinuas, às vezes vens concreta, ou apenas deserta a sombra engana; de ti contrasta a luz que não te afeta posto que o corpo ela própria afana.

Te insinuas. As mãos na porta aberta, preenches a um tempo os meus espaços na pressa de chegar que torna incerta as linhas irreais de tantos traços.

Vens adversa como a pomba em fuga e raramente pousas com clareza como se indo já voltando fesses.

Assim é que em ti nada perdura enquanto forem a dúvida e a certeza o início e o fim das tuas luzes.

Jacob Ohana, Espera: □1

Santo – erguestes a cruz na selva escura; Herói – plantastes nossa velha aldeia; Mestre – ensinastes a doutrina pura; Poeta – escrevestes versos sobre a areia.

Golpeia a cruz a foice inculta e dura; invade a vila multidão alheia; morre a voz santa entre a distância e a altura; apaga o poema a onda espumante e cheia...

Santo, Herói, Mestre e Poeta: – Pela glória que destes a esta terra e à sua História, pela dor que sofremos sempre sós,

pelo bem que quistes a este Povo, novo Batista deste mundo novo, Padre José de Anchieta, orai por nós!

Guilherme de Andrade e Almeida (1890/1969), Prece a Anchieta: □4

Eu creio em Deus com profundo sentido de lucidez, mas no Deus que fez o mundo, não no Deus que o mundo fez!

Alfredo de Castro, em Trovarege 02.99

Eu te adoro com todo o sentimento, em tua Onipotência verdadeira, que vou reconhecer, sobremaneira, no silêncio do meu recolhimento.

Eu te louvo, Deus Pai, cada momento que tenho na existência passageira, nesta lida pensosa e rotineira, quer na alegria, quer no sofrimento.

Eu te suplico, de emoção repleto, que eu persevere no caminho reto, que a minha fé não venha a se perder.

E eu te agradeço por me haveres dado, embora de defeitos carregado, na minha vida, enfim; te conhecer.

Aloisio Bezerra, A Deus Pai

Deus é luz? mas por que? (minha razão trepida, e exânime, baqueia, e desfalece quase). Deus é causa da luz, Deus é causa da vida, a luz vem pois de Deus, sem que lhe seja a base.

Nunca pude descrever, por uma longa fase, desse oculto criador que a amá-lo nos convidava; quem poderá rasgar a misteriosa gase que enubla sua forma etérea, indefinida?

Sinto Deus, muita vez, ouço-lhe a voz sombria, mas na treva compacta e na calma absoluta, não ao fulgor do sol, aos ruídos do dia.

Verás a gestação da Vida; a tua alma eleva, Homem! penetra a noite, o amplo silêncio escuta: não poderás negar que seja Deus a treva.

Gilka da Costa de Melo Machado (1893/1980), Deus (A João Ribeiro): de Poesias, 1918

Reconhecemo-nos. Há muito nos identificamos, eu e a casa.

Nos recebemos: num gesto recíproco, acomodamo-nos. Percorro seus acessos infinitos como prova final de que cheguei.

A poltrona espojada à minha vida e nela o meu cansaço e meu alento. Invento uma quimera entre mim e ela, que me oferece os braços de veludo.

Ajudo a compreender os seus percalços. São marcas de pés sujos, pés descalços, que nela tatararam seus desvelos de té-los, arte pura da arte do carvão.

Jacob Ohana, A Casa: □1

KIDAI DE OUTONO



| | | |
|--|---|---|
| Agitando a noite grilos em telegrafia esperam os pássaros. Alba Christina | Dia da Mulher. Glória que fica esquecida em sua rotina. Fernando Vasconcelos | No pé de goiaba, não resisto a tentação: – mordo a maior delas! Mariemy Tokumu |
| É noite na roça. O crieri daquele grilo, emba meu sono Albertina C. G. dos Santos | Não é feriado, mas há um respeito universal: é o dia da mulher!... Hélcio Durso | Passou por aqui, cheirando a mexicana. Saudosa infância! Nadyr Leme Ganzert |
| Na cerca invadida mexericada do vizinho tempos de criança. Ailson Cardoso de Oliveira | Há chuva de pétalas de rosas, na humanidade. – Dia da Mulher!... Hermoclydes S. Franco | Na praça sem graça, o grilo canta sem brilho. É a vida que passa. Nilton M. de A. Teixeira |
| Que vôo rasante! Cap- tura n'água um mosquito, a hábil libélula. Amália Marie G. Bornheim | Dia da Mulher! O mês de março parece ficar mais bonito. Humberto Del Maestro | Goiabas maduras nos galhos pensos, no chão. Abelhas voejam. Olga Amorim |
| Atrás do volante brilham as faixas brancas relâmpago desperta. Carlos R. Barbosa de Jesus | Grilo canta e pula meu coração está assim. É. Estou amando. Joana de Toledo Machado | Menino contente... Arapuca no quintal prende o chororó. Olga dos Santos Bussade |
| Crianças chorando entre fraldas desfiladas. Dia da Mulher!... Cecy Tupimambá Ulló | Doce mexicana, saborosa e tão gostosa, boa sobremesa! Josefina da Silva Carvalho | O vento sopra... A paimeira freme... Gotejam flores! Olíria Alvarenga |
| Um quê de corada, ventre redondo à vista, laranja-de-umbigo. Débora Novaes de Castro | Dobradura verde reposa na grama grilo calado. Larissa Lacerda Menendez | Dia da mulher... Liberdade – grito ardente. Bandeiras hasteadas. Rogério M. S. da Costa |
| Lar, esposo, filhos, e o dia em doce rotina: Dia da Mulher! Edmar Japiassú Maia | Dia da Mulher – uma lua quase cheia: imita sua imagem. Leonardo Cezário dos Santos | Rosas... presentes. Comemorando seu Dia, a Mulher sorri. Sergio de Jesus Luizato |
| Bicho da goiaba, infeliz, perdeu sua casa com uma dentada. Eduardo Lopes Vieira | Mulher entre flores, festeja espaço ocupado! Com dó... beija a avó. Leonilda Hilgenberg Justus | Verde, o grilo pula à noite ninguém o vê mistérios de Deus. Sônia Maria M. Cozzo |
| Matuto se gaba... Bi- chinho, mesmo gostinho, também é goiaba. Fernando L. de A. Soares | Moleques se encharcam... Todo o sacrifício é pouco! Laranjas-de-umbigo. Marcelino R. de Pontes | Sol a sol trabalha... Traba- lha, trabalha e trabalha. Dia da Mulher! Yara Shimada Brotto |



KIGOS à escolha para até três haicais a serem enviados

até o dia 10.04.99:
Águas de Março, Arara, Caqui.

Até o dia 10.05.99:

A Primeira Missa, Cravo, Estrela Cadente.

Fazer um haikai é como tirar uma foto ou filmar. Vemos o kigo (focalizamos), sentimos, com a mente vazia (sem preconceitos), o que estamos vendo (fotografamos ou filmamos) e escrevemos (revelamos), compondo assim um haikai com kidai, ou seja, haikai com tema da estação, por conter, como assunto principal o kigo, palavra de sazão. O haikai deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do kigo, com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) com um corte (ou brecha) após o 1º ou 2º verso, mas de forma tal que o leitor não se “perca” no relacionamento de ambas as partes, nem estas estejam por demais relacionadas. O haikai conterá ainda sutilezas que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor.

1. Preencher até três haicais, conforme os kigos à escolha em cada prazo, em uma única ½ folha de papel carta ou ofício, escrever o nome e o endereço e assinar. Despachá-la normalmente pelo correio, com nome e endereço do remetente, até o dia 10 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos corretos dos respectivos kigos.

Enviar para:

Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

2. Posteriormente o haicasta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicais desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. O haicasta se compromete a enviar numa folha, que será entregue até o último dia do mesmo mês, o resultado dessa sua seleção. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicasta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abanico do outro, o número e o texto de cada haikai assim escolhido, sob pena de não o fazendo, perder os votos que venha a receber os haicais de sua autoria. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicais de própria lavra.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do fim do mês seguinte.



IPÊS EM FOLHA

| | | |
|--|--|---|
| Bolha de sabão... Vai levando a cor dos sonhos nas asas do vento. Douglas Eden Brotto | Vestido de flores o flamboiã faz da praça um cartão-postal... Ercy M. M. de Faria | Bolhas de sabão... Alguém espalha na rua saudada da infância... Ercy M. M. de Faria |
| Abrem-se as cortinas... no palco da laranjeira sabá cantor... Ercy M. M. de Faria | Crianças brincando... de colorir o seu mundo. Bolhas de sabão. Maria Regina Lubraciono | No trono da tarde, sobre os coqueiros vassalos, reina o sabá. Eduardo A. O. Toledo |
| O dia clareia. Um sabá cantador alegra a manhã. Djalda Winter Santos | Sabá solitário sofrendo sinfonia sacode o silêncio... Santos Teodósio | Bolhas de sabão. Passinhos que se atropelam lutam contra o vento. Patrícia Maia Patrício |
| Tapete vermelho. As flores do flamboiã caem devagar... Djalda Winter Santos | Sabá gorjeia, seu canto não tem resposta: gaiola fechada. Patrícia Maia Patrício | Sabá não chora, canta a sua solidão na prisão atroz. João Batista Serra |
| Crianças rodeiam um vendedor de saudades – bolha de sabão. Teruko Oda | Flamam sem fumaça velhas árvores da praça: <i>Flamboyant</i> em flor! Luís Koshiro Tokutake | Na triste favela, só um flamboiã florido, enfêntia a miséria. Leda Mendes Jorge |
| Flamboiões em flor tecem tapete vermelho no chão da praça... Maria Madalena Ferreira | Ar sopra da brisa o arco-íris vai de carona no vôo das bolhas... Darly O. Barros | À noite florescem as copas dos flamboiões. Braseiro na serra. José N. Reis |
| Enfeitando a rua flamboiões na calçada: retalhos de sol. Patrícia Maia Patrício | Pousando no galho sabá arrebata-rabo saída a platéia. Héron Patrício | Um menino chora pelas bolhas de sabão: não pode guardá-las. Renata Paccola |
| Na morte da tarde um canto quebra o silêncio sabá no brêjalo! José Messias Braz | Canoro sabá entre as grades da gaiola chora pelo céu. Yedda Ramos Maia Patrício | Fragil, passageira, imita a vida da gente! Bolha de sabão. Élen de Novais Felix |
| Coloridos sonhos duram pouco mais que um sopro: Bolhas de sabão... M. U. Moncam | Quatro da manhã: mais pontuais do que o cuco, cantam sabáns. Renata Paccola | Sabá cantava. Gavião achou o ninho, silenciou o canto. Leda Mendes Jorge |
| De férias num sítio, ganhei um despertador: Canta um sabá! M. U. Moncam | Sobem aos telhados as crianças refletidas... Bolhas de sabão. Luís Koshiro Tokutake | Bolha de sabão no estouro reflete curinha assustada. Yedda Ramos Maia Patrício |

O OUTOMNO NO JAPÃO; OS INSECTOS; CURIOSIDADES.

Estamos em pleno outomno. Esta quadra vem trazer à alma japonesa uma vaga sombra de melancolia. São os proprios japonezes que o confessam, sendo facil de explicar este phenomeno. Com effeito, o outomno, com o seu cortejo de folhas séccas, com a desnudez progressiva das arvores, com as primeiras brisas frias, com a fugida das andorinhas, com o aniquilamento dos insectos, poderá, talvez, achar-se um periodo de morte e de luto, pelo menos uma época de desoladora transição, marcando no tempo a barreira que separa duas gerações de myriades de séres – uma geração que viveu, outra geração que vai viver; – e a emotividade pantheista do nipponico não saberia mostrar-se insensível a esta calamidade, que a natureza annualmente nos reserva.

Fallei dos insectos. N'este Japão, um dos pequeninos séres que ainda pelo outomno dentro mais intensamente se faz ouvir, é a cigarra. Desde o começo do estio até meados de outubro, varias especies d'este interessante bicho se succedem mas quasi de canto equal, se canto é; e durante o dia inteiro, em bosques e jardins, em cada arvore, em cada ramo, uma cigarra solta o seu grito estridente e prolongado, tido com razão por um dos sons característicos d'esta terra. Recorde-se que a nunca esquecida fabula da cigarra e a formiga faz da cigarra, entre occidenteas, um trovador bohemio e sem cuidados, passando o verão em descantes e folgedos; parece, porém, que o ruído do insecto imprêssiona differentemente os ouvidos dos nipponicos, invocando-lhes, de preferencia, á ideia de alegres cantares, a de choros, de lamentações pungentes. Para mais, parece averiguado que em tempos mui remotos um habitante da ilha de Kyûshû, que então era chamada Tsukushi, tendo emprehendido uma longa viagem, veio a morrer a grande distancia do seu lar; o seu espirito encarnou-se no corpo de uma cigarra, da especie que grita assim: – “*Tsukushi koishi! Tsukushi koishi!*...” – o que quer simplesmente dizer: – “Que saudades que eu tenho de Tsukushi! que saudades que eu tenho de Tsukushi!...”

Os japoneses possuem uma forma elementar de arte, mais simples ainda que a nossa trova popular: é o *haikai*. * palavra que nós occidentais não sabemos traduzir senão com ênfase, é o *epigrama lirico*. São tercetos breves, de cinco, sete e cinco pés, ao todo dezessete sílabas. Nesses moldes vazam, entretanto, emoções, imagens, comparações, sugestões, suspiros, desejos, sonhos... de encanto introduzível.

Exemplos, para comprehensão:

*Pétala caída
que torna de novo ao ramo:
uma borboleta!*

Há impressão mais deliciosa?

*Lirio teimoso
por que continuamente
tu me dás as costas?...
É flor ou mulher?*

*Deste lado só
está batendo o pulso
o ramo floriu!*

As plantas vivem, e têm
coração, fica-se a pensar...

*Pensei que nevava
lirios... Minha branca amada
vinha aparecendo...*

Que lindo alvorecer!

O outomno em que estamos, dá-me pretexto para consagrar á cigarra algumas considerações mais demoradas; parecendo-me que o melhor que tenho a fazer, no interesse do leitor amigo de exotismos, é citar e traduzir algumas breves cantigas populares, *uta*, que se referem a este insecto. Eis a primeira *uta*, que julgo um exemplo delicadissimo da impotencia dos nossos desejos (nós, viventes), perante as supremas leis da natureza:

*Semi hitotsu
Matsu no yûhi wo
Kakaë-keri.*

A traducção é: – “Uma cigarra solitaria agarra-se ao ultimo raio do sol da tarde, que brilha no ramo mais alto de um pinheiro.”

Segue uma outra sentida *uta*, alludindo certamente a um casal em condições irregulares de intimidade, em que a pobresita da fêmea é sovada pelo companheiro brutal e ciumento, que ella ama todavia:

*Nushi ni tataré,
Washu matsu no sémi
Sugarisuki-tsuki,
Naku bakari!...*

A traducção é esta: – “Tratadinha a bofetadas pelo homem de quem dependo, sou comparavel á cigarra dos bosques, que se abraça a um raminho de pinheiro e não faz senão chorar os seus queixumes...”

Termino o assumpto com uma terceira *uta*, para não enfadar muito quem me lêr. Eu não conheço inspiração mais estupendamente macabra, invocando não sei que tremendas allucinações, do que a contida nos tres versos d'esta terceira *uta*, que uma penna occidental nunca houvera certamente imaginado. Trata-se nada menos do que de um individuo (pouco importa a especie), que

populares. Sobre a arte de fazer essas canções, que parecem tão espontâneas, porque simples e perfeitãs, doutrinou um dêles, talvez o maior, Bashô, aos seus discipulos: “Na composição, não se vá compor de mais... Perder-se-ia o natural. Que vosso “haikais” venham do coração...” (Cf. A. Thalasso – *Anthologie de l'amour asiatique* – Paris, 1907; P. L. Couchoud – *Sages et poètes d'Asie*, Paris, 1918).

E não são alguns japões que as fazem, senão todos, com mais ou menos felicidade. O *haikai* é uma sensação lirica que todos sentem e podem exprimir. Por isso do homem

procede piedosamente aos ritos do seu proprio funera!... Para comprehender devidamente esta *uta*, convém lembrar que a religião buddhista, admitindo universalmente a reencarnação dos espiritos n'uma longa série de corpos, encontra nas metamorphoses dos insectos uma imagem intensamente poetica e *quasi* real da sua maravilhosa doutrina. A larva, por exemplo, transformando-se em borboleta, parece com effeito estar suggerindo a ideia da transmigração auspiciosa de uma alma, do verme ao ser alado. Ora, a cigarra tambem soffre as suas periodicas metamorphoses, despindo de quando em quando a casca, a qual conserva curiosamente a fôrma do animal, sendo frequente vêr a gente a cigarra ao lado da sua casca, lembrando um insecto vivo ao lado de um insecto morto. Segue a *uta*:

*Waré to waga
Kara ya tamurô,
Semi no koé!...*

A traducção é a seguinte: – “Além está uma cigarra a cantar, ao lado do seu corpo morto. Que canta ella? Acaso os officios funebres devidos ao seu proprio cadaver...”

Wenceslau de Moraes (Wenceslau José de Sousa Moraes, 1854/1929),
Capitulo XXXV (30.10.1906) de A Vida Japonesa, Livraria Chardron, Porto, 1907

Este livro, doação de Reinaldo Gonzaga (09.06.42) á Biblioteca Mário de Andrade da Cidade de São Paulo (Livro 910 F e 100), está timbrado pela Livraria Lealidade de Alvaro Jorge, São Paulo, sua importadora. Lá tambem se encontra outra edição, de 1985 (Livro MAC 915.2 M8278v). Duas das *utas* são, ingevalmente, haicais de sazão. Dos primeiros citados em nossa lingua a chegar no Brasil:

Raio derradeiro.
Só, a cigarra nele agarra-se,
no alto do pinheiro. Além, a cigarra...
Ao lado sua casca morta.
Canto de assunção!...

EM UM PREFÁCIO DE AFRÂNIO PEIXOTO

do povo mais humilde ao letrado mais culto, todos têm as suas trovas, ingénuas, sutis, simples ou profundas, mas todos os que são poetas, – e poeta é apenas, e é tudo, sentir intimamente e exprimir sinceramente – todo o mundo, em suma, será capaz de epigramas liricos.

Júlio Afrânio Peixoto (1876/1947), em Trovas Brasileiras (Populares: Popularizadas),

BIBLIOGRAFIA DO VERSO

| | |
|--|---|
| 01 Cotidiano das Ruas e dos Entes, 1998 | 03 Haiku – Antologia, Faro Editorial, Buenos Aires, 1998 |
| 02 CPAC – 21 Anos de Prosa e Poesia, 1998 (Rua Rosa de Gúsmão 390, Jardim Guahabara, 13073-120 – Campinas, SP) | 04 O Bem-Aventurado José de Anchieta, S.J. – Vida e Obra; de Dagmar Aderaldo Chaves, 1996 |

revista pelo autor, Volume XI, W. M. Jackson, Inc. Editores, 1947 (1919: 1ª ed.); Biblioteca Latino Americana do Memorial da América Latina, livro 13.836 BR 869.

* Para melhor perceber o haikai de sazão, recomendamos reler nossas Seleções em Folha de todos os meses ímpares de 1997 (janeiro, março, etc) e meses 01, 03, 04, 09 e 10 de 1998.